



Que tenhamos presente, esta foi a 3ª vez em que o Conselho Escolar da Faculdade de Ciências tomou posição sobre a normalização da vida associativa através de eleições. Nas duas primeiras, (uma no ano passado, a outra no mês de Abril último) vontade unanime dos professores canalizou-se através de uma recomendação oral ao M.E.N. via Reitoria. A tomada de posição de ontem, foi escrita e transmitida com carácter imperativo que superou em firmeza as anteriores. Esta tomada de posição vem como todos o sabem depois de um Despacho ministerial negando provimento às exigências estudantis. Ela assume por consequência uma forma de protesto a juntar ao dos estudantes, que para tal têm, como todos sabemos, sabido pôr em prática.

A reunião do C.E. contém aspectos que convem salientar. Ela existe no contexto geral da crise da Universidade. Esta crise manifesta-se para além dos índices sociais, económicos, científicos e culturais, que ela reflecte numa autonomia restrita.

A concepção que temos do C.E. é a de que deve ultrapassar as carências actuais. O C.E. vive sentado sobre si próprio, arreigado a problemas intramuros cuja única representatividade engloba os professores catedráticos. As possíveis formas de gestão a praticar não estão sequer unicamente asseguradas. Hoje mais do que nunca urge uma aproximação real entre os corpos discente e docente através dos organismos representativos de cada um.

Particularmente na Faculdade de Ciências as formas de gestão que vislumbramos são verdadeiramente estimulantes e referem toda uma gama de assuntos pedagógicos culturais e científicos integrados no contexto da reforma permanente do ensino e praticados adentro das sugeridas estruturas representativas de cada grupo e em comissões restritas que lhes dêem bases comuns. Sendo assim as posições tomadas já algumas vezes pelo C.E. no que diz respeito à normalização da vida associativa e debate do ontem são uma viragem, de base incipiente ainda, é certo, na luta pela autonomia.

A apresentação do problema ao C.E. como foi feito (foram apresentadas 3 moções dos estudantes à reunião do C.E.) poderá talvez iludir-nos, sobre estimando o papel a representar pela tomada de posições pelos professores.

Temos de reconhecer que no fundamental tendo-nos sido favorável a resolução do C.E., não vem decidir sobre a possibilidade de eleições, não sendo justo que o processo de luta dos estudantes deixe de estar radicado nas suas mãos para passar a estar centrado nas mãos dos professores que nem sequer para tal concitaram.

A resolução do problema acha-se, convem salientá-lo, no desenvolvimento dinâmico das contradições existentes entre os estudantes e autoridades governamentais. As autoridades são por natureza, elementos negadores do direito de associação e da prática da autogestão. Agem como tal pelo aproveitamento dos lugares fracos dessa prática. A repressão é o instrumento normal de tratamento, um lugar comum da autoridade. É uma repressão que atinge vários níveis de método e aplicação.

O protesto estudantil surgiu e surge sempre como salvaguarda dos direitos fundamentais. Dessa maneira têm os estudantes salvaguardado as suas conquistas, dessa maneira têm as autoridades comprovado a acção constantemente antidemocrática desses mesmos direitos.

A concentração junto da Reitoria têm como finalidade percorrer o último nível do protesto escalonado que os estudantes elegeram como resposta à publicação do despacho ministerial prolongando por prazo indefinido o mandato da C.A. por razões que mais uma vez só por uma posição violadora dos nossos direitos podemos admitir.

Destina-se ela a apoiar a entrevista que os estudantes de Ciências vão ter com o Reitor da Universidade Clássica no sentido de lhe fazer sentir o protesto estudantil bem como a sua expressa exigência de eleições para a Associação dos Estudantes da Faculdade de Ciências.

Apareceremos juntos na Reitoria como nos concentrámos na A.E., como enviamos moções ao C.E., como contactámos com os professores e Director da Faculdade de Ciências.